

O nascimento do Colégio Internacional em Campinas: Uma análise preliminar da cosmovisão educacional calvinista no século XIX.

Gerson Leite de Moraes¹

Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar preliminarmente a criação do Colégio Internacional em Campinas. No século XIX, dois colégios presbiterianos foram criados a partir de iniciativas individuais de missionários calvinistas devidamente instalados no Brasil, George Nash Morton e Edward Lane, fundadores do Colégio Internacional em Campinas e George Chamberlain e sua esposa Mary Annesley, que organizaram na cidade de São Paulo, a Escola Americana, embrião da futura Universidade Presbiteriana Mackenzie. Os missionários citados são oriundos de agências missionárias norte-americanas diferentes. O casal Chamberlain foi enviado pela agência missionária conhecida como *The New York Board*, órgão da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (*United Presbyterian Church of North America*), que foi a mesma que enviou o primeiro missionário presbiteriano em 1859, o Reverendo Ashbel Green Simonton. No contexto da Guerra de Secessão (1861-1865) nos EUA, os presbiterianos sulistas realizaram uma *Assembleia Geral* no Estado da Geórgia em 1861, e organizaram uma nova igreja, que inicialmente se chamaria Igreja Presbiteriana dos Estados Confederados, mas que acabou sendo denominada como Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, é esta igreja nascente que cria na mesma *Assembleia Geral* já mencionada, o *Comitê Executivo de Missões no Estrangeiro*, agência missionária que estará por trás da evangelização do interior de São Paulo e da criação do Colégio Internacional em Campinas. O foco de nossa análise estará concentrado neste último colégio. A partir do ferramental teórico oriundo da História Cultural, pretende-se demonstrar como ele representa uma cosmovisão protestante tentando intervir de maneira decisiva no espectro cultural de uma nação sul-americana, até então, agrária, escravocrata, fundamentalmente católica e vista como atrasada.

Palavras-chave: Cosmovisão; Protestantismo; Calvinismo; Educação; Cultura.

O Colégio Internacional em Campinas

A cidade de Campinas no século XIX passou por grandes transformações, desde o seu florescimento como área produtora de café, após a decadência da economia cafeeira no Vale do Paraíba, até o seu calvário com as epidemias de febre amarela no final do século. Campinas surge no horizonte da província de São Paulo, principalmente na segunda metade do século XIX, como uma cidade vanguardista.

As razões desse desenvolvimento que a levou ser considerada como um dos primeiros centros regionais progressistas da província de São Paulo estão, por um lado, explicadas no crescimento desencadeado pela economia cafeeira que, junto ao dinamismo empresarial de seus cafeicultores, acarretou a utilização de máquinas de beneficiamento de café, a construção de vias férreas para o escoamento rápido e seguro da produção até seus respectivos centros comerciais, e a substituição da mão de obra escrava pela livre imigrante antes mesmo da extinção do trabalho escravo, assim como pelos projetos de urbanização. Por outro, a existência de clubes políticos, associações literárias e sociedades culturais contribuíram na formação da

¹. Doutor em Ciências da Religião pela PUCSP, Doutor em Filosofia pela UNICAMP. Professor do Programa de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

intelectualidade campineira que, influenciada pelo pensamento positivista e liberal, foram responsáveis por severas críticas ao governo imperial e pretendiam em breve inaugurar a República. (ALBINO, 1996, p. 25)

Foi esta cidade, que procurava ser um farol em meio ao obscurantismo que assolava a província paulista em particular e a realidade brasileira em geral, a escolhida pelos missionários presbiterianos do sul para ser uma espécie de quartel general para seus projetos de construção de um ideal civilizatório.

Após a Guerra de Secessão, um general chamado A.T. Hawthorne, oficial do exército confederado veio até o Brasil para dar início às primeiras tratativas sobre uma possível vinda de americanos sulistas para o Brasil. Em 1866 chegaram os primeiros imigrantes na Vila de Santa Bárbara (hoje Americana) e nos arredores da cidade de Campinas. Neste mesmo ano, numa reunião do Sínodo da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, (PCUS) realizada na Carolina do Sul, acolheu o documento do Presbitério de Bethel, que propunha o início de um trabalho presbiteriano no Brasil. Somente três depois, em 1869, o *Comitê de Missões no Estrangeiro* (agência missionária da Igreja Presbiteriana do Sul), resolveu enviar para o Brasil um jovem pastor chamado George Nash Morton (1841-1925), ordenado ao ministério pastoral um ano antes, e que havia lutado nas fileiras do Exército confederado. Ele tinha a finalidade de sondar uma localidade que oferecesse as condições necessárias para o estabelecimento e consolidação de um trabalho missionário em terras brasileiras. O local escolhido foi a cidade de Campinas.

Apesar de desejar figurar como uma cidade vanguardista, tanto do ponto de vista econômico, político e cultural, a cidade de Campinas encontrava sérias dificuldades nesta última área, pois as escolas eram escassas e geralmente destinadas aos filhos da aristocracia.

A atividade educacional em Campinas passa por uma grande transformação a partir da década de 1860, pois a partir deste momento começaram a surgir os colégios propriamente ditos, que se diferenciavam das escolas até então existentes, pois ofereciam internatos, algo inexistente até aquele momento.

O pensamento liberal ganhava força entre os membros da intelectualidade campineira e duas famílias de imigrantes europeus ganham projeção neste momento, a família Florence e a família Krug. A primeira é de linhagem francesa e tem como figura de destaque, Hércules Florence, nascido em Nice na França e que chegou em Campinas por volta de 1830, figurando como o primeiro estrangeiro a fixar residência na cidade. Depois de dois anos após sua chegada, fez em solo campineiro experiências com a câmera escura e a fixação das imagens,

fato este que o coloca como inventor da fotografia, evento desconhecido por muitos, mesmo porque a glória de tal empreendimento coube ao seu compatriota Louis Jacques Mandé Daguerre em 1835. Já viúvo aos cinquenta anos, resolveu casar-se novamente vindo a desposar uma jovem vinte anos mais nova que ele, tratava-se de Carolina Krug, uma jovem alemã que havia emigrado para o Brasil em 1852. “Concluídos os estudos médios, Carolina Krug frequentou curso superior dirigido por um pastor de nome Jatho, dedicando-se principalmente às disciplinas: História Universal e Literatura” (RIBEIRO, 2006, p.17). Logo depois ela foi enviada por seus pais para a Suíça, onde frequentou o Instituto de Madame Niederer, nos arredores de Genebra, tido como um dos melhores institutos suíços da moderna pedagogia de Pestalozzi. Vale lembrar que Johann Heinrich Pestalozzi, educador suíço que é o inventor do método que carrega seu sobrenome, recebeu educação protestante em sua infância, e horrorizado com a invasão francesa em seu país em 1798, resolveu agir em prol das crianças de sua pátria criando um método onde o amor é o eterno fundamento da educação, algo bastante inovador para época. Como educadora, Carolina Krug tinha um desejo enorme de criar um estabelecimento de ensino no Brasil nos mesmos moldes que havia vivenciado na Europa, este fato tornou-se realidade em novembro de 1863 com a fundação do Colégio Florence na cidade de Campinas, destinada somente a meninas.

A família Krug este envolvida na fundação de outros colégios importantes para a cidade, por meio do irmão mais velho de Carolina, Jorge Krug.

Merece menção neste trabalho também, o Colégio Culto à Ciência. Entre seus fundadores destaca-se o irmão mais velho de Carolina Florence, Jorge Krug. Na diretoria da Associação Culto à Ciência, entidade responsável pela administração e capacitação dos recursos para a manutenção do Colégio, trabalhou Jorge Krug como guardador de livros durante muito tempo, sem solicitar remuneração para tal serviço. [...] Quanto a Escola Alemã, esta foi fundada na mesma época que o Colégio Florence. Felizmente existe ainda hoje, com o nome de Colégio Rio Branco, no distrito de Barão Geraldo, em Campinas. Também aí houve a contribuição de Jorge Krug. De acordo com o diário de Anna Krug Kupfer, a fundação do colégio deu-se em função do esforço da colônia alemã radicada no município de Campinas e unida por diversos interesses, entre eles o educacional. (RIBEIRO, 2006, p.49)

Como se pode perceber, a década de 1860 trazia grandes novidades na área educacional para a cidade de Campinas e os alemães exerceram uma influência enorme neste período. As emigrações da Confederação Germânica aconteceram aos montes neste período para vários lugares do mundo, principalmente em virtude das polêmicas que envolviam o processo da Unificação Alemã, fato este que veio a ocorrer em 1871. Enquanto os alemães escolarizados ocupavam uma posição pioneira e de destaque na área educacional, como foi o caso da

colônia alemã de Campinas, na mesma época haviam colônias de alemães passando enormes dificuldades no cenário brasileiro do século XIX, basta lembrar do episódio conhecido como a Revolta da Fazenda Ibicaba, que era uma colônia mista, mas tinha uma grande quantidade de alemães.

A Europa neste momento do século XIX passava por uma série de turbulências econômicas, e houve por parte de autoridades alemãs e suíças, estímulos à imigração, principalmente para aqueles que se tornavam onerosos às administrações municipais (entre esses contavam-se antigos soldados, egressos de penitenciárias, aleijados e cegos). É claro que jovens sadios também foram recrutados, mas para conseguirem os adiantamentos para a viagem por parte das municipalidades europeias, estes deveriam levar consigo aqueles. 'Onde quer que os movimentos emigratórios tomassem vulto, não faltava entre as administrações quem procurasse utilizá-los em favor de uma verdadeira depuração nacional'. [...] Os abusos aconteceram e trouxeram sérias dificuldades para os colonos europeus, e o livro de Thomas Davatz, *Memórias de um colono no Brasil (1850)*, é um testemunho vivo desses abusos, que ocorreram na fazenda Ibicaba, na época situada no município de Limeira (atualmente a fazenda está situada no município de Cordeirópolis, às margens da Rodovia Dr. Cassio de Freitas Levy, Km 2 – que liga Cordeirópolis a Limeira), interior de São Paulo. (MORAES, 2015, p.10)

Devido à prosperidade oriunda do café, Campinas tornou-se no século XIX, principalmente em sua segunda metade, um polo atrativo para várias colônias de imigrantes. Isto se deu, apesar da dificuldade em adquirir propriedades no país, pois estava em vigor a Lei de Terras de 1850, fator este que inviabilizava a aquisição de propriedades por parte dos imigrantes, na maioria das vezes, pobres, a não ser que fossem pessoas com muitas posses.

A Lei de Terras decretada no Brasil em 1850 proibia a aquisição de terras públicas através de qualquer outro meio que não fosse a compra, colocando um fim às formas tradicionais de adquirir terras mediante posses e mediante doações da Coroa. [...] O tamanho das 'posses' (terra adquirida por meio da ocupação) foi limitado pela lei: elas não podiam ser maiores do que a maior doação feita no distrito em que se localizavam. Os produtos da doação das terras públicas e das taxas de registro das propriedades seriam empregados exclusivamente para a demarcação das terras públicas e para a 'importação de colonos livres'. (COSTA, 2010, p.173)

Este é o contexto agrário brasileiro do século XIX, que não facilitava em nada a vida dos imigrantes que para cá vinham, modelo completamente diferente do adotado na expansão para o Oeste norte-americano, desde a aprovação do *Homestead Act* em 1862, depois de vinte anos de debates entre os vários segmentos políticos nos Estados Unidos. O objetivo do *Homestead Act* era colonizar e explorar os recursos do Oeste através da mão de obra de imigrantes que se tornariam pequenos proprietários livres. Além disto, havia o mito da pequena propriedade que

dava o balizamento ideológico necessário para o *Homestead Act*, pois revivia as experiências dos pais fundadores da época colonial.

Alguns dos argumentos usados pelos que defenderam o Ato estavam profundamente enraizadas na experiência colonial. O rompimento das estruturas, social e econômica tradicionais pelo desenvolvimento comercial e industrial levou muitas pessoas a ver o presente como corrompido e idealizar o passado, que viam como a idade do ouro da pequena propriedade. O ‘mito da pequena propriedade’ (*myth of the garden*) tornou-se poderoso suporte ideológico do *Homestead Act*. (COSTA, 2010, p.187)

Quando os missionários George Nash Morton e Edward Lane chegaram em Campinas em 1869, logo perceberam que o clima liberal e vanguardista da cidade era um diferencial ali. Constatando que já havia um movimento educacional presente na cidade por meio dos colonos alemães, os missionários presbiterianos resolveram fundar um colégio. Neste sentido, canalizaram todos os seus esforços na construção de uma instituição educacional que auxiliaria na formação intelectual dos filhos *ilustres* da cidade, com o intuito de formar cidadãos brasileiros marcados por uma moralidade protestante.

No fundo, esta prática educacional era uma necessidade na tradição protestante desde o século XVI devido ao fato da Reforma ser, entre outras coisas, um “produto” de um livro, a Bíblia. Ler e interpretar a Bíblia sem a interferência do magistério católico era uma obrigação protestante, portanto, aprender a ler e a escrever eram valores inegociáveis na mentalidade protestante. Boanerges Ribeiro reverbera isto da seguinte maneira:

Entre os valores a realizar na nova sociedade, talvez nenhum obtivesse maior ênfase que o da instrução pois a leitura da Bíblia é indispensável à fé Reformada. [...] Daí o haver-se muito cedo a prática de manter a escola-aolado-da-igreja, onde quer se formasse um núcleo de convertidos. (s/d. pp.183-184)

A oportunidade estava colocada e com a repercussão positiva do projeto de um colégio protestante na cidade, imediatamente Lane pensou em voltar aos Estados Unidos para convencer a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana, que iria se reunir somente em 1871 em Columbia. A Assembleia compreendeu a dimensão da oportunidade evangelística no Brasil, por meio da instrução dos jovens da elite campineira e liberou Lane para visitar várias congregações presbiterianas a fim de levantar fundos para a aquisição de um terreno em Campinas visando a construção do edifício educacional. A própria Assembleia Geral fez uma doação inicial de dois mil dólares para o início das obras.

Entre os campineiros que apoiaram a ideia de Morton e Lane, o clima era de euforia. Com o retorno de Lane ao Brasil, e de posse das doações concedidas pelos irmãos americanos em mãos, não havia a necessidade de perda de tempo. [...] O segundo passo nesta direção foi a promoção de uma reunião na residência de Morton, no dia 08 de dezembro de 1871, com a presença de representantes não só da elite intelectual, mas de parte considerável das

elites agrárias e comerciais em Campinas, representadas por dezessete fazendeiros, onze advogados, seis negociantes, dois médicos e o gerente do Banco Mauá. Além dos reverendos Lane e Chamberlain, outras personalidades participaram do encontro, entre elas destacam-se os políticos Francisco Glicério e Campos Salles, o Inspetor de Instrução Pública Luiz Silvério, Cel. Com. Joaquim Egydio de Souza Aranha e o Juiz de Paz José Manoel Cerqueira Leite. Ao final desta, coube ao advogado e redator-proprietário do jornal Gazeta de Campinas, a responsabilidade de transmitir aos demais representantes dessas elites, e a todos que se interessassem, o resultado da reunião daquela noite na casa de Morton (ALBINO, 1996, pp. 75-76)

Com os dois mil dólares em mãos e depois com mais quatro mil vindos das doações das igrejas norte-americanas, em 1872 foi comprado um terreno com cerca de 10.000 metros, com uma casa velha, pelo valor de seis mil dólares. Com mais uma coleta feita nos Estados Unidos, foi comprada em 1873 uma área de 24 acres (cerca de 97 mil metros quadrados) nos arredores da cidade para a construção do colégio. No mesmo ano, enquanto o prédio definitivo estava sendo construído, começaram as atividades do Colégio Internacional na primeira propriedade mencionada, onde havia aquela casa velha, que estava situada na antiga Rua do Pórtico (atual Ferreira Penteado) esquina com a Luzitana, bem próximo de onde funciona atualmente a Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Campinas e seu colégio chamado CPEL (Colégio Presbiteriano Eduardo Lane).

Em junho de 1872 Miss Nannie Hendersen foi para o Brasil e fim de trabalhar na nova escola ligada à Missão. [Ela] abriu a escola na cidade em janeiro de 1873, com seis alunos, no final do semestre já eram 12. Apareceram também filhos de norte-americanos; Morton: ‘resolvemos matriculá-los com vistas a fazer deles o núcleo do *College* que planejávamos’; os homens da Missão começaram a lecionar para este grupo; desde o início a escola teve aulas em português e inglês; os alunos aprendiam na sua própria língua materna. Em julho de 1873 iniciou-se novo semestre escolar, durante o qual 21 meninas se matricularam na escola de Miss Hendersen, e 54 meninos no *College*. Foi reformada a velha casa do terreno, e usada como internato para 27 rapazes. (RIBEIRO, s/d. p.202)

O Colégio Internacional nasceu como uma instituição mista de ensino e teve nos seus quadros vários professores que marcaram época. Entre eles, merece destaque, o professor Júlio Ribeiro, que era romancista, filólogo e linguista, autor de obras como *Padre Belchior de Pontes* (obra anticlerical com fortes ataques à prática dos jesuítas) e *A Carne* (romance polêmico, de base naturalista), *Traços Gerais de Linguística*, *Gramática Portuguesa* e *Nova Gramática da Língua Latina*. Júlio Ribeiro, inicialmente de orientação católica, chegou a frequentar o Seminário Episcopal de Mariana em Minas Gerais, mas não concluiu o curso, vindo posteriormente a professar sua fé na Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo.

Há referências dele ter professado a fé protestante de confissão presbiteriana com o rev. Schneider em 1869, filiando-se imediatamente à Igreja Presbiteriana, em São Paulo. Sua conversão foi por ele descrita em um pequeno bilhete registrado nos anais da 1 Igreja Presbiteriana de São Paulo. [...] Levantei-me contra o Islamismo da Igreja Romana, tornei-me deísta e depois molercalista (sic); até depravei minha alma lendo os antigos filósofos gregos; gostava de Thomas Volney, Voltaire, Byron e Renan, numa palavra – estava perdido. Cristo procurou-me, deu-me a fé e disse-me: este é meu filho... (ALBINO, 1996, p.92)

A presença de Júlio Ribeiro ilustra bem a diversidade presente no colégio, apesar de ter aderido à fé protestante, sua obra, *A Carne* é um panegírico ao movimento literário conhecido como Naturalismo, e principalmente ao seu fundar na França, Emílio Zola. Sobre as temáticas naturalistas, pode-se observar temas relacionados à patologia social (desequilíbrios psíquicos, adultério, criminalidade, incesto, ninfomania, sadismo). Não há relatos de que isso tenha sido um empecilho para a presença de Júlio Ribeiro como professor da instituição.

Se por um lado o colégio tinha altas expectativas na propagação de valores cristãos por meio do sistema educacional, por outro lado, nunca houve um proselitismo forçado entre pais, professores e alunos que não comungavam da fé protestante. A liberdade de consciência sempre foi preservada.

O Colégio procurou manter como universal e inalienável o direito do juízo privado em todas as matérias relativas à religião, e, julgando-se em perfeita harmonia com este princípio de direito comum, acreditavam ser isso a pedra de toque de qualquer educação esmerada e moral. [...] o meio utilizado para promover a reverência e o amor para com a ideia de Deus cristã e tornar a honra, a virtude e a verdade respeitadas entre os homens, eram as Sagradas Escrituras, entendida como fonte divina e puríssima da instrução religiosa e moral. (ALBINO, 1996, p.97)

Percebe-se ao longo da existência do Colégio Internacional, diferentes visões envolvendo os pais dos alunos e a direção da instituição do colégio comanda por religiosos. Enquanto estes almejavam implantar seus valores por meio de uma educação de qualidade, os pais pareciam não se incomodar com os valores difundidos a partir de uma matriz protestante, mas exigiam eficácia do método, pois almejavam ver seus filhos sendo promovidos preparatórios do Império. Enquanto estes eram pragmáticos, aqueles eram idealistas.

A impaciência dos pais em ver seus filhos doutores levou-os a questionar a utilidade de estudos como alemão, grego, botânica, zoologia, física, química, astrologia e matemáticas adiantadas na formação intelectual dos alunos simplesmente por não serem estas matérias obrigatórias nos exames preparatórios. (ALBINO, 1996, p.95)

Esta tensão esteve presente em toda a existência do Colégio, mais especificamente até o ano de 1892, quando devido à epidemia de febre amarela na cidade de Campinas, a direção da

missão religiosa, em consonância com a direção do Colégio, resolveu encerrar as atividades em Campinas, transferindo suas atividades para a cidade de Lavras em Minas Gerais. O que fica disto tudo é a “tensão” acima mencionada não impediu de que ambos os lados atingissem seus objetivos. Este talvez seja o grande dilema e ao mesmo tempo, o diferencial de uma educação de base confessional. Como conciliar os valores dos fundadores e a necessidade de eficácia dos seus métodos? Abaixo, apresentamos uma análise preliminar sobre a temática.

O Colégio Internacional e a “tática” de uma cosmovisão.

A descrição feita anteriormente oferece uma visão geral do contexto no qual nasceu um colégio presbiteriano no século XIX, na então província de São Paulo, mais especificamente na cidade de Campinas. Terminamos o tópico anterior mencionando a tensão entre as expectativas dos fundadores e visão pragmática dos pais dos alunos. Como foi possível conciliar isso? Talvez a resposta esteja em definir alguns conceitos de fundamental importância para a compreensão do *modus operandi* protestante. Um deles é o conceito conhecido como *weltanschauungen*², que aqui será traduzida por “cosmovisão”, o outro é o conceito de *tática*, desenvolvido por Michel de Certeau, no contexto de desenvolvimento da noção de prática cotidiana. Vamos ao primeiro, James Sire diz o seguinte sobre cosmovisão.

Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma narrativa ou como um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que nós sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento sobre o qual nós vivemos, nos movemos e existimos. (2004, p. 122)

A proposta de cosmovisão, de acordo com Oliveira (2008), teria sido citada inicialmente por Immanuel Kant (1724-1804) na *Crítica da Faculdade do Juízo* como capacidade humana de perceber a realidade sensível do mundo, sendo aplicada ao contexto cristão por James Orr (1844-1913) e Abraham Kuyper (1837-1920) e sendo absorvida a teoria do desenvolvimento histórico cultural do filósofo reformado e teórico legal Herman Dooyeweerd (1894-1977). Pode-se dizer que o conceito de cosmovisão nasce no século XVIII, é amplamente usado no contexto do romantismo alemão no século XIX, é apropriado pelos religiosos reformados no contexto holandês neste mesmo século e, depois é difundido no ambiente norte americano no século XX, sendo ressignificado e aprofundado em outros lugares do mundo, inclusive no

². *Weltanschauung* é um substantivo feminino composto de duas palavras alemãs: *Welt* – mundo, e *Anschauung* – concepção, percepção, intuição. *Weltanschauungen* é sua forma plural. As diversas traduções do conceito são *cosmovisão*, *biocosmovisão*, *concepção de mundo*, *mundividência*, *visão de mundo* e *percepção de mundo*, dentre outras possíveis em português, e as já bem conhecidas *worldview* e *life-worldview*, em inglês.

Brasil, principalmente – mas não só – no contexto protestante. Apesar desta trajetória, há um entendimento entre setores especializados no assunto de que apesar do conceito ser criado a partir do século XVIII, a prática do que o conceito representa é algo anterior, e no contexto religioso, remonta aos idos da Reforma Protestante do século XVI. Somente a título de analogia, pode-se pensar no conceito de “genocídio”, que foi inventado no ano de 1944, no contexto da segunda grande guerra, mas acabou servindo para descrever atrocidades anteriores a esta data e que foram cometidas contra várias populações espalhadas pelo mundo.

Pode-se dizer que a implantação do Colégio Internacional em Campinas no século XIX, representa a aplicação de uma cosmovisão. A mesma partia da ideia de que o Brasil era um país que necessita conhecer a verdade do Evangelho, pois o catolicismo aqui implantado desde a sua descoberta, não foi suficiente para moldar os valores e princípios morais dos habitantes da terra. Para tal empreitada, segundo tal concepção, nada melhor do que começar um investimento em educação. Peter Burke acentuou que a questão educacional protestante esteve na base das distinções entre as principais correntes protestantes (luteranos e calvinistas) e o catolicismo. A cultura protestante era a cultura da palavra e não da imagem. Claramente isto implicava pensar seriamente a questão educacional.

Tanto na área luterana como na calvinista, muitas vezes vê-se que a igreja ou o templo é decorado com textos. Lutero recomendava que os muros dos cemitérios fossem pintados não com imagens, mas com textos, como ‘Sei que meu Redentor vive’. Podemos encontrar os Dez Mandamentos expostos em dois quadros, um em cada lado da abóbada do coro, ou um ‘retábulo de catecismo’ inscrito com mandamentos, o pai-nosso e o credo, ou textos da Bíblia pintados no púlpito, ou nas traves do forro da igreja; pois ‘o Céu e a Terra passarão: mas minhas palavras não passarão’ (Lucas 21). Num grau muito maior do que os católicos, a cultura popular protestante era uma cultura da Palavra. (BURKE, 1989, p.387)

Roger Chartier oferece dados importantes e reveladores sobre a presença de livros nos inventários protestantes e católicos no século XVII.

[...] em Metz, entre 1645 e 1672, 70% dos inventários dos protestantes incluem livros contra apenas 25% dos inventários católicos. E a distância é sempre muito acentuada, seja qual for a categoria profissional considerada: 75% dos nobres reformados têm livros, mas apenas 22% dos católicos os possuem, e as porcentagens são de 86% e 29% nos meios jurídicos, 88% e 50% na área médica, 100% e 18% entre pequenos funcionários, 85% e 33% entre comerciantes, 52% e 17% entre artesãos, 73% e 5% entre "burgueses", 25% e 9% entre trabalhadores braçais e agrícolas. Mais numerosos como proprietários de livros, os protestantes também possuem mais livros: os reformados membros das profissões liberais têm em média o triplo de livros de seus homólogos católicos; a situação é idêntica para comerciantes, artesãos ou pequenos funcionários; e entre os burgueses a diferença é ainda

maior, com bibliotecas calvinistas dez vezes mais ricas que as dos católicos. (1984, p. 133)

Como é possível observar, a cultura protestante no início da modernidade estava fundada sob o princípio livresco, vindo o mundo pré-moderno, do qual o catolicismo era sua expressão fundante, como algo a ser superado, e isto se daria pela instrução educacional. Neste sentido, o ministro protestante não era só um pregador, mas também um educador que tinha por finalidade, levar as massas ao conhecimento mediante o ensino da Bíblia e, para tal, era necessário promover uma revolução educacional. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf (2007) acentua que os colégios podem ser entendidos como signos religiosos. Para os protestantes, como acentuou Janine Garrison (1988), os colégios funcionam como uma “Igreja Paralela”, um “microcosmo da Igreja”.

O reformado voltado para o futuro, assegurou-se das capacidades humanas de progresso, e mostrou uma inabalável confiança na educação capaz de formar e mesmo transformar os indivíduos. De outra parte, como religião do Livro, o protestantismo inclinou seu entusiasmo à leitura e ao conhecimento. Enfim, constituiu uma minoria atuante, mas mal tolerada desde o século XVI, pois caçada e submetida ao fio da espada a partir de 1685, os religiosos franceses sentiram imediatamente a necessidade de um sistema escolar que repercutisse sobre as jovens gerações suas crenças e sua ética. A escola, o colégio e a academia assumiram o papel da educação familiar. (GARRISSON, 1986, p.165)

Percebe-se pela citação acima como os protestantes compreenderam a função tática da educação. Neste ponto é importante lembrar o que diz Michel de Certeau sobre isso.

Denomino ‘tática’ um cálculo que não pode contar com um próprio. [...] A tática só tem por lugar o do outro. [...] a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho. O que ela ganha não o guarda. Tem que constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’. [...] as táticas apresentam continuidades e permanências. (CERTEAU, 2003, pp.46-47)

No século XIX, quando os protestantes de missão começaram a aportar em terras brasileiras na segunda metade do século, a religião oficial do país era o catolicismo romano. Foi neste contexto, que os protestantes que aqui vieram, valeram-se das táticas já conhecidas no ambiente europeu e posteriormente norte-americano. Como um grupo minoritário, vivendo em terras estranhas, apostaram na crítica aos valores e costumes praticados por aqui, entendendo que o mal perpetrado devia-se à ignorância aqui propagada por séculos de obscurantismo católico e a construção de colégios seria uma forma de combater taticamente este “mal” pela raiz. Neste sentido, a cosmovisão protestante de linha calvinista no século XIX tinha a educação como referência para mudar a cultura aqui estabelecida, e o colégio

fundado em Campinas por norte-americanos, representava perfeitamente essa visão de mundo.

Há relatos na relativa curta existência do Colégio Internacional em Campinas, de adequações curriculares para se atingir os objetivos educacionais pragmáticos dos familiares dos alunos, por outro lado, o Colégio nunca abriu mão de ministrar conteúdos religiosos aos alunos, mesmo que estes viessem à tona por meio de lições de moralidade cristã. A tática descrita por Certeau parece que funcionou para ambos os lados. Um acordo tácito entre ambas as partes permitiu que isso ocorresse. Pode estar aí o segredo para a educação confessional no Brasil, cabendo aos fundadores não abrir mão de seus valores e ao mesmo tempo oferecer um ensino de qualidade acima de qualquer suspeita, mas isso só pode ser feito mediante uma cosmovisão bem definida que compreenda a necessidade de diálogo e de expectativas a serem atingidas pelas partes envolvidas.

Considerações Finais

Certamente faltam elementos que venham a detalhar com mais profundidade a tese acima exposta, que em função do tempo e espaço, foi aqui somente esboçada, ficando para um outro momento, uma análise mais acentuada. Contudo, resta salientar que a ideia inicial foi atingida na medida em que foi proposta uma análise preliminar da cosmovisão educacional calvinista no século XIX, tendo como referência o nascimento do Colégio Internacional na cidade de Campinas. Para tal, foi importante mostrar o ambiente cultural e educacional da cidade de Campinas naquele momento e de como a chegada dos protestantes calvinistas na região, repercutiu de maneira positiva quando houve a possibilidade da criação de um colégio. O que ocorreu foi um choque de cosmovisões, tendo como pano de fundo as questões religiosas de matriz católica e protestante. Os missionários calvinistas viam o Brasil como um país atrasado culturalmente, e esta crítica era reverberada pelas elites sociais e culturais presentes na cidade naquele momento histórico. O funcionamento do colégio desafiava a ordem estabelecida, pois apesar de ventos liberais soprarem mais incisivamente na segunda metade do século XIX, a Constituição de 1824, estabelecia como religião oficial do Brasil, o catolicismo romano. Aquilo era uma luta inglória para os protestantes, pois naquela conjuntura, seria necessário viver em meio a muitas tensões. De um lado, uma tensão com viés religioso propriamente dito, pois havia uma outra cosmovisão vigorando no país, e para usar um termo de Michel de Certeau, vigorando de maneira “estratégica”, restando aos protestantes agirem de forma tática, já que a mesma é “a arte do fraco”, é “ausência de poder” (CERTEAU, 2003, p. 101). Do outro lado, havia a tensão com os pais dos alunos, que viam a confessionalidade do colégio

como algo razoável, desde que a qualidade educacional fosse preservada. Entendemos que uma forma de pacificar estas questões todas, foi a clareza da cosmovisão adotada pelos missionários protestantes na direção do colégio, fato este que deixou um legado de extrema importância para a história da cultura e da educação na cidade de Campinas.

Referências Bibliográficas

ALBINO, Marcus. **Ide por todo Mundo: A província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1869-1892**. Campinas: CMU/UNICAMP, 1996.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. As práticas da Escrita. In: **História da Vida Privada: Da Renascença aos Séculos das Luzes**. Vol. 3, 1984, pp. 113-158.

COSTA, Maria Viotti da. **Da Monarquia à República**. São Paulo: UNESP, 2010. 9ª ed.

GARRISSON, Janine. **L'Homme Protestant**. Bruxelles: Editions Complexe, 1986.

_____. **Les protestants au XVI^o siècle**. Fayard, 1988.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **O aparecimento da escola moderna: uma história ilustrada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MORAES, Gerson Leite de Moraes. **Ethos religioso e resistência na Fazenda Ibicaba no século XIX**. São Leopoldo: Revista Protestantismo em Revista, v.39, p.03-20, set/dez de 2015.

OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. **Reflexões críticas sobre a weltanschauungen: uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva teo-referente**. 2008. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B2b25K8-GKpXQnpPLVYtMm9OZzQ/view>>. Acesso em 08 de setembro de 2018.

RIBEIRO, Maria Ines Miranda. **A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1863-1889**. Campinas: CMU/UNICAMP, 2006. 2ª ed.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e Cultura Brasileira**. São Paulo: O Semeador, s/d.

SIRE, James. **Naming the Elephant: Worldview as a Concept**. Illinois: InterVarsity Press, 2004.